

EXISTÊNCIA EM CLARICE LISPEC- TOR: O *INSTANTE* COMO PONTO DE CONVERGÊNCIA ENTRE LITERATU- RA E FILOSOFIA

LA EXISTENCIA EN CLARICE LISPEC- TOR: EL INSTANTE COMO PUNTO DE CONVERGENCIA ENTRE LITERATU- RA Y FILOSOFÍA

Valdinei Caes¹

Resumo: O artigo discute o tempo e a existência, centrado na ideia do instante em Clarice Lispector. Com o objetivo caracterizar a concepção de instante

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e membro do Grupo de Pesquisa Poder, Fronteira, Estratificação e Memória - GPPFEM – UNEMAT. E-mail: valdinei.letras@gmail.com.

sob o viés filosófico, o ensaio realiza algumas aproximações entre a concepção de tempo incrustada na ideia de instante, a partir do romance *Água viva* (1973), e as premissas teóricas da filosofia da existência defendidas por Søren Kierkegaard, principalmente em *Migalhas filosóficas* (2008). Dentre as obras que sustentam essas reflexões, destacam-se: *A dignidade da política* (2002), de Hannah Arendt; *Clarice Lispector* (1952), de Olga Borelli; *Clarice* (1995), de Nádia Battella Gotlib; *À procura da própria coisa* (2021), de Teresa Montero; *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado* (2004), de Álvaro Luiz Montenegro Valls; *O instante, Diário de um sedutor* (1979) *Temor e tremor* (1979), *O desespero humano* (1979) e *Migalhas filosóficas* (2008), de Søren Kierkegaard.

Palavras-Chave: Instante. Clarice Lispector. *Água viva*. Kierkegaard. Existencialismo.

Resumen: El artículo discute el tiempo y la existencia, centrado en la idea del instante en Clarice Lispector. Con el objetivo de caracterizar la concepción de instante desde un punto de vista filosófico, el ensayo establece algunas aproximaciones entre la concepción del tiempo incrustada en la idea de instante a partir de la novela *Água viva* (1973), y las premisas teóricas de la filosofía de la existencia defendidas por Søren Kierkegaard, principalmente en *Migalhas filosóficas* (2008). Entre las obras que sustentan esa investigación, se destacan: *A dignidade da política* (2002), de Hannah Arendt; *Clarice Lispector* (1952), de Olga Borelli; *Clarice* (1995), de Nádia Battella Gotlib; *À procura da própria coisa* (2021), de Teresa Montero; *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado* (2004), de Álvaro Luiz Montenegro Valls; *O instante, Diário de um sedutor* (1979) *Temor e tremor* (1979), *O desespero humano* (1979) y *Migalhas filosóficas* (2008), de Søren Kierkegaard.

Palabras Clave: Instante. Clarice Lispector. *Água viva*. Kierkegaard. Existencialismo.

O tempo e a existência

Este trabalho tem como objetivo a caracterização da filosofia da existência em Clarice Lispector (1920-1977). De acordo com Benedito Nunes (1973, p. 94), “qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a concepção-do-mundo de Clarice Lispector tem marcante afinidade com a filosofia da existência”. É esta afinidade com a filosofia da existência que se almeja identificar na obra de Lispector, no entanto, a partir da concepção de instante. A existência, numa perspectiva clariceana, é constituída por uma sucessão de instantes incontáveis, e cada instante, em si, é incontável: “A vida é esse instante incontável” (Lispector, 2020, p. 8). Neste sentido, Cícero Cunha Bezerra (2021, p. 42), ao analisar *Água viva*, entende que o “tempo”, para Clarice, é “definido como instante-já”. O ‘instante-já’ se caracteriza pelo “fluxo dos acontecimentos”.

Em *Água viva* (1973), aliás, a própria Clarice explicita que o instante é fugidio. Isso pode ser observado quando a autora faz a analogia do instante com o “pirilampo”, quando este emite rapidamente seu sinal de luz, enquanto está vagando pela escuridão; e com “a roda do automóvel” (Lispector, 1998, p. 9), quando esta, em alta velocidade, toca a pavimentação asfáltica, permitindo ao viajante o deslocamento de uma região para a outra. Nota-se que, desse modo, o instante, sob a perspectiva lispectoriana, apresenta-se em oposição direta com tudo aquilo que é estático: o instante pressupõe movimento, mudança e transformação de si. Assim, o instante estabelece uma relação

de imediatez com a existência, com a vida, que não para de se transformar. Num instante a vida se faz e se desfaz. Aliás, é no instante que a vida acontece; é “no fluxo dos acontecimentos” do “já”, que deixou de ser o que é, porque o presente se tornou passado e o futuro tornou-se presente, que a vida acontece.

O instante e “o nascimento do Eu”

A filosofia da existência tem como referência muitos pensadores, porém, “a moderna filosofia da *Existenz* começa com Kierkegaard”² e “o termo *Existenz* indica, em primeiro lugar, nada mais do que o ser do homem” (Arendt, 2002, p. 15). A filosofia da existência que se inicia com Kierkegaard coloca em evidência o “Eu”, o “Indivíduo” (Kierkegaard, 1986, p. 16). Segundo Hannah Arendt (2002, p. 24), com Kierkegaard houve “o nascimento do Eu”. Em outras palavras, “o Homem chega à consciência de que ele é dependente [...] do fato de que ele é [...] um indivíduo” (Arendt, 2002, p. 19) inserido na existência.

O indivíduo encontra-se em permanente contradição com este mundo explicado, já que sua “*Existenz*”, a saber, o caráter puramente factual de seu existir em toda a sua contingência (que precisamente eu sou *eu* e ninguém mais, e que precisamente *eu* sou ao invés de não sou) não pode ser antevista pela razão ou resolvida em algo puramente pensável (Arendt, 2002, p. 15).

2 Kierkegaard (1813-1855) foi determinante para o início da filosofia da existência, de acordo com Arendt. No entanto, existem vários outros filósofos que constituem os fundamentos da filosofia da existência. Dentre eles, pode-se destacar: Schelling, Nietzsche, Scheler, Heidegger, Jaspers e Sartre. Por uma questão de ordem metodológica recorre-se preferencialmente a Kierkegaard (Cf. Arendt, Hannah. A dignidade da política: ensaios e conferências. Org. Antônio Abranches. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 24).

Kierkegaard, contudo, afirma que se faz necessário “tornar-se o Indivíduo” (Kierkegaard, 1986, p. 62). O “tornar-se” coloca sobre os ombros do indivíduo o peso da decisão e da responsabilidade sobre sua própria existência. Um bom exemplo para ilustrar esta questão encontra-se na famosa obra *Temor e Tremor* (1979), que traz à tona o problema do sacrifício de Isaac. “E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Moriija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei” (Kierkegaard, 1979, p. 113). Embora Isaac estivesse ao lado de Abraão, este estava sozinho diante da possibilidade de escolha.

É sob essa atmosfera que o instante se torna uma categoria efetivamente existencial e o indivíduo “chega à consciência de que ele é”, ou seja, “eu sou *eu* e ninguém mais, e que precisamente eu *sou* ao invés de não sou” (Arendt, 2002, p. 24). Por essa razão, no instante fugidio, a decisão não pode ser terceirizada, assim como não pode ser adiada, porque “eu” e “ninguém mais” pode decidir por *mim*.

A caracterização do *instante* sob o viés filosófico

O instante enquanto categoria filosófica tem uma trajetória dentro da história da filosofia. Recorre-se, primeiro, aos filósofos Platão e Santo Agostinho, para evidenciar as particularidades do instante. Isso não significa que outros pensadores não abordaram este conceito, pelo contrário, muitos filósofos, em diferentes épocas, colocaram em ressaltaram o instante. Apenas por uma

questão de ordem metodológica é que se estabelece este recorte.³

O instante, enquanto categoria filosófica, etimologicamente, de acordo com Nicola Abbagnano (2012, p. 651), remete ao grego *στιγμή*, ao latim *momentum* e ao dinamarquês *oieblikket*. Quando se avança na leitura acerca deste termo, com objetivo de compreender as suas dimensões e magnitude, Abbagnano adverte que dentro da filosofia há distinção entre o *instante* e o *agora*. “O instante é diferente do agora” (Abbagnano, 2012, p. 651). Nesse caso, é adequado que o instante não seja reduzido ao agora.

A discussão entre o “instante” e o “agora” está presente em um dos inúmeros diálogos de Platão, mais especificamente o diálogo intitulado: *Parmênides*. Vale ressaltar que a filosofia platônica faz uma profunda e profícua síntese entre o pensamento de Parmênides e o de Heráclito. Deste, Platão se apropria do conceito de mutabilidade, mudança, devir, o que evidencia que tudo está em constante mudança e, além disso, serviu de fundamento para Platão constituir o que ficou denominado de mundo sensível. Daquele, Platão se apropriou do conceito de imobilismo, imutabilidade e uno, o que serviu de base para a fundamentação do que viria a ser conhecido como o mundo inteligível. Se por um lado, para Platão, o mundo inteligível apresenta-se como sendo o mundo das coisas imutáveis, eternas e perfeitas, ou seja, o mundo das essências, suprassensível ou inteligível, por outro lado, o mundo sensível é o mundo corpóreo, transitório, o mundo dos sentidos, das cópias, das sombras e das paixões.

Platão, ao fazer a síntese entre o pensamento de

3 Além de Platão e Santo Agostinho, há outros filósofos que se debruçaram sobre o problema do *instante* no interior da Filosofia, dentre eles, destacam-se: Søren Aabye Kierkegaard, Karl Theodor Jasper e Martin Heidegger. Ressaltamos que o *instante*, enquanto categoria filosófica e literária, perpassa a história da Filosofia e da Literatura.

Parmênides e de Heráclito, coloca em evidência, respectivamente, o repouso e o movimento. No interior desse paradoxo reside o instante. Aliás, o instante não está no repouso de Parmênides nem no movimento de Heráclito.

Para Platão, “o instante não é nem o tempo nem a eternidade, nem o movimento nem o repouso, mas está entre eles e constitui o ponto de encontro” entre ambos (Abbagnano, 2012, p. 651). A partir desta assertiva, percebe-se a natureza paradoxal do instante, ou seja, não é repouso porque não é eternidade; tampouco o é *agora*, pois se assim fosse, então, seria uma categoria de tempo, que já deixou de ser o que é. Nas palavras de Abbagnano (2012, p. 651):

O Instante parece indicar o que serve de transição entre duas mudanças inversas. A passagem do movimento ao repouso e vice-versa não ocorre a partir da imobilidade que ainda está imota, nem do movimento que ainda está se movendo. A natureza um pouco estranha do instante está no fato de ser o ponto médio entre repouso e movimento, mesmo não estando ele no tempo, o que o torna ponto de chegada e de partida do que se está movendo em direção ao estar parado, e do que está parado em direção ao mover-se.

O instante é “o ponto médio entre repouso e movimento”. Ora, se o instante é uma espécie de mediania, ponto médio ou ainda o ponto de equilíbrio que se encontra entre o repouso e o movimento, nesse sentido, ele é justamente aquilo que torna possível a existência do *agora* e do *depois*. O *agora* é o momento do tempo presente que determina o que as coisas são. Quando se afirma que alguma coisa é, aquilo que é, só é o que é, porque está vinculada ao *agora*. O *agora*, portanto, faz com que as coisas

sejam o que elas são, quando são.

E não é certo que, ao atingir o momento presente ele para de envelhecer? Nesse instante, ele não se torna mais velho: é mais velho. Se continuasse avançar, jamais poderia ser alcançado pelo Agora; faz parte da natureza do que avança tocar simultaneamente em duas coisas, o Agora e Depois, deixando o Agora para trás e apossando-se do Depois no próprio ato de tornar-se, entre o Depois e o Agora (Platão, 2020, p. 39).

Em Platão, o instante não é o *Agora* nem o *Depois*, mas é aquilo que permite a existência de ambos na realidade, na medida em que o devir do tempo sepulta o *Agora* no passado e faz com que este ceda lugar ao *Depois*. O devir da natureza possibilita a conexão entre o *Agora* e o *Depois*; aquilo que é e aquilo que está para ser. É nesse avanço da natureza que o “ponto médio” simultaneamente toca as duas coisas, isto é, “o Agora e Depois”. O instante, dessa forma, está diretamente relacionado ao “próprio ato de tornar-se” o que se é. Nesse “ato” acontece a mudança, “mas ao mudar-se, muda instantaneamente, e no instante preciso da mudança não poderá estar em nenhum tempo, muito menos em movimento ou em repouso”.⁴ O instante, desse modo, em Platão, é este “ato” de transformação que torna possível a existência.

Aurelius Augustinus, ou melhor, Santo Agostinho, como é mais conhecido, exímio platonista, em sua obra: *Confissões* problematiza a questão do *instante* ao trazer à tona a pergunta:

4 A obra da qual foi retirada esta citação é o diálogo *Parmênides* de Platão. Como não foi possível identificar a versão impressa deste diálogo platônico, utilizou-se a versão eletrônica, com tradução de Carlos Alberto Nunes e os créditos da digitalização para os Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia - Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>), porém sem a especificação do ano de publicação desta obra. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/11/parmenides-de-Platao.pdf>>. Acesso em 21/08/2023, p. 46-47.

“o que é o tempo?”

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente (Agostinho, 1980, p. 265).

Explicar “o que é o tempo” não é uma tarefa fácil, segundo Agostinho, mesmo assim ele insiste: “atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse”, ou seja, se não houvesse a continuidade, não existiria o “tempo presente” nem o “tempo futuro”.⁵ Por isso, o *agora* é *conditio sine qua non* para a existência do instante.

Embora Agostinho reconheça que “uma hora compõe-se de fugitivos instantes” e que “os instantes voam”, isso não permite afirmar que o “tempo” para este pensador seja simplesmente “uma sucessão de instantes separados” (Cf. Agostinho, 1980, p. 267). Não! Agostinho não compreende o tempo desta forma. Além disso, dividir o “tempo” em *antes* e *depois* também não é adequado, porque a constituição do “tempo” ocorre na medida em que o instante é entendido como “síntese de continuidade”.⁶

⁵ “O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três” (Agostinho, Santo. *Confissões*; De Magistro. 2. ed. In.: Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 270).

⁶ Sobre essa questão recomenda-se a leitura da nota 566 dos tradutores de *Confissões*: “O tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados. É um contínuo, e, como tal, é indivisível. O tempo, para ser estudado na sua metafísica, não se deve dividir no “antes” e no “depois”, mas considerar-se na sua síntese de continuidade”. (Cf. Agostinho, Santo. *Confissões*. 2. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 269).

Dessa forma, em Agostinho, se se compreende o instante enquanto “síntese de continuidade”, então é possível identificar o ponto de convergência entre a perspectiva platônica e a perspectiva agostiniana de instante. Se, por um lado, para Platão, “a natureza um pouco estranha do instante está no fato de ser o ponto médio entre repouso e movimento”, no processo do “ato de tornar-se”, por outro lado, para Agostinho, o instante não deixa de ser uma “síntese de continuidade”. É justamente no “ato de tornar-se” platônico que reside a *continuidade* agostiniana. O “ato de tornar-se” pressupõe a *continuidade*, a *continuidade* pressupõe o “tornar-se”, e ambos têm sua realização no instante presente. Sem o *presente* do *agora*, isto é, sem o presente do instante, nada existiria e nada haveria de existir.

Então, terá de haver um tempo em que ele toma parte do ser e outro em que deixa de tomar. Pois, como seria possível participar e não participar da existência sem um instante determinado em que ele comece a existir e outro em que pára de existir? (Platão, 2020, p. 44).

Depreende-se, assim, que o instante possui como característica uma força criadora: num instante, torna-se parte da existência, essa possibilidade de possibilidades; noutro, deixa-se “de existir”, porque chegou o instante de dizer adeus. Todos, inevitavelmente, haverão de reconhecer a chegada de sua hora! Adiar este instante não será possível. Neste sentido, se por um lado, Karl Theodor Jasper, para corroborar com essa perspectiva, afirma que: “o Instante vivido é o fato supremo, calor de sangue, imediação, vida, presente corpóreo...” (Abbagnano, 2012, p. 651), por outro lado, Martin Heidegger, ressalta que “o Instante é a decisão antecipadora da morte, isto é, do nada da existência” (Abbagnano, 2012, p. 651). Pode-se intuir, desse modo, que

o instante é vida e morte; sobretudo vida em sua máxima intensidade.

O instante é aquilo que exige o caminhar em silêncio de Abraão para “a montanha de Moriia” (Kierkegaard, 1979, p. 198). É o silêncio do reconhecimento que o “afogado tem antes de morrer, e então se diz que antes de mergulhar para sempre um homem vê passar a seus olhos a vida inteira; se em um instante se nasce, e se morre em um instante, um instante é bastante para a vida inteira” (Lispector, 2010, p. 94). Em suma, o instante é o substrato para a aproximação entre a filosofia da existência e a literatura, que se constitui a partir do interesse e do impulso pela valorização do “ser do homem” na existência.

O instante como indicio da aproximação entre o pensamento de Lispector e a Filosofia da Existência

Benedito Nunes (1929-2011) se debruçou sobre as obras de Clarice Lispector, com o propósito de identificar a proximidade entre a filosofia da existência e a literatura lispectoriana. De acordo com Maria de Fátima do Nascimento (2014, p. 2), foi “a partir de 24 de julho de 1965, em O Estado de São Paulo”, que Benedito Nunes passou a publicar “artigos sobre a obra de Clarice Lispector, a qual aborda questões humanas eternas, como sofrimento/paixão, ódio/amor, infelicidade/felicidade, dor/prazer e vida/morte”. A produção de Nunes perpassa a Filosofia e a crítica literária. No centro de sua produção, Clarice Lispector, ocupa lugar de destaque ao lado de questões eminentemente humanas, existenciais.

Foi Benedito Nunes quem tentou demonstrar, exaustivamente, ao longo de suas análises,

que o desenvolvimento de certos temas importantes encontrados na ficção clariceana, principalmente na escala do romance, insere-se no contexto das filosofias da existência (Oliveira, 1989, p. 4).

A produção de Nunes, sobre Clarice Lispector, começou em 1965, mas seu interesse pela referida autora havia tido início um ano antes. De acordo com Celeste Natário (2020, p. 97), o próprio Nunes afirma: “comecei a ler a ficcionista pelos contos de *Laços de família*. Mas foi em 64, com *A paixão segundo G. H.*, que os laços da sedução literária e filosófica a ela me amarraram”. O apreço de Nunes pela obra de Clarice Lispector o levou a uma profunda análise do *corpus lispectoriano*, sob o viés da filosofia da existência.

Nunes utiliza a filosofia do existencialismo para interpretar a obra de Clarice Lispector (em especial a filosofia de Kierkegaard). Além desse suporte teórico, compara na época a obra dela com *A náusea* (1938), de Sartre, mostrando que Lispector é importante não só por trazer novas perspectivas para a literatura brasileira, mas também por todas as questões imbricadas nos seus romances e contos, que descortinam problemas filosóficos sobre a existência, importantes para a compreensão do ser humano e para as linhas de reflexão do crítico brasileiro (Nascimento, 2012, p. 226).

O trabalho desenvolvido por Nunes, coloca a Literatura clariceana em um profícuo e profundo diálogo com a filosofia da existência, numa tentativa de aproximar Kierkegaard, Sartre e Lispector, o que permite levar adiante a hipótese que consiste em afirmar que o conceito de *instante* pode ser um elemento fundamental para legitimar a afinidade da produção de Clarice

Lispector com a filosofia da existência.

O *instante* é o momento da singularização do indivíduo, “sendo impossível estar [ali] ou vir alguém além de ti...” (Kierkegaard, 2002, p. 26). Para Yudit Rosenbaum (2002, p. 20), as “pausas e movimentos são descritos microscopicamente, agigantados por uma mirada que quer surpreender o instante em que as coisas se apresentam para um sujeito”, ali onde ele se encontra apenas consigo, no *instante*, momento que exige a decisão.

Maria Celeste Natário, Cícero Cunha Bezerra e Renato Epifânio⁷, ressaltam que a literatura de Clarice Lispector explora questões existenciais e “provoca o pensar em níveis mais profundos e constitutivos de existência, não apenas humana, mas da própria realidade como vida organicamente determinada...”. O fato de Clarice colocar em evidência a própria existência como um todo, em suas obras, possibilita a aproximação entre Literatura clariceana e a filosofia da existência.

A busca pela aproximação do *corpus clariceano* à filosofia da existência levou Maria Elisa de Oliveira (1989, p. 50) à afirmação: “Sobre a questão do existencialismo na obra de Clarice Lispector, quase todos os críticos notaram uma afinidade marcante entre a obra ficcional desta escritora e o existencialismo”. De acordo com Oliveira (1989, p. 47), “este texto foi elaborado a partir de uma palestra proferida no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, dentro do ciclo de conferência Introdução à Filosofia da Arte, em março de 1987”. Dessa forma, uma vez admitido que há esta

⁷ Pesquisadores que coordenaram a organização da obra: *Clarice Lispector - filosofia e literatura* fruto da pesquisa do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020. (Cf. NATÁRIO, Maria Celeste, *et. al.* **Clarice Lispector**: filosofia e literatura. Portugal: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto Via Panorâmica, 2020, p. 3).

aproximação, cabe encontrar o ponto de convergência e, ou seja, o elemento a partir do qual se pretende demonstrar a afinidade entre a obra de Clarice Lispector e a filosofia da existência é o *instante*⁸, dialogando especialmente com o filósofo dinamarquês Kierkegaard.

Para filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), considerado o precursor da filosofia da existência, “raro é achar um homem que compreenda devidamente a presença do instante e, em consequência, aproveite-o devidamente” (Kierkegaard, 2002, p. 19), pois ele tem várias faces, “o instante é tudo”, o “instante é vida e morte”, o *instante* é: “angústia”, “silêncio”, “paixão”, “ruptura”, “sofrimento”, “ausência na presença”, “incomensurabilidade”, “decisão”, “movimento”, “contradição” e “desespero” (Cf. Kierkegaard, 1979, p. 175-226). Reconhece-se, assim, que o instante, em Kierkegaard, é multifacetado.

Considerando essa característica do *instante*, de acordo com o pensador dinamarquês, *ele* “coloca o homem diante da única condição que efetivamente pesa sobre ele: sua própria existência” (Almeida, 2009, p. 322). É no *instante* que o indivíduo se torna o que é. “Poderá decorrer um tempo mais ou menos longo antes de chegar o instante, mas, chegado ele, o que primitivamente era aparência adquire uma existência relativa e, na mesma ocasião, tudo acabou” (Kierkegaard, 1979, p. 175). Em um *instante* tudo se transforma e de repente “tudo acabou”. O *instante* é fugaz e

8 Ao tratar do quarto romance da autora. *A Maçã no Escuro*, Gilda de Mello e Souza não só consagra Clarice Lispector como “romancista do instante”, mas também comenta esse olhar narrativo feminino sensível ao detalhe e à minúcia, uma vez que a posição social da mulher a teria limitado ao “espaço confinado em que a vida se encerra: o quarto com os objetos, o jardim com as flores, o passeio curto que se dá até o rio ou a cerca”. E define o que seria o olhar míope, próprio dessa escrita: A visão que constrói é por isso uma visão de míope, e, no terreno que o olhar baixo abrange, as coisas muito próximas adquirem uma luminosa nitidez de contornos” (Rosembaum, 2002, p. 30). Cf. ROSEMBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. Publifolha. São Paulo: Editoração eletrônica, 2002. Obs.: Ver nota de número 26.

transformador.

Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), sob a ótica da filosofia da existência: “a existência precede a essência” e “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre, 2014, p. 3) em seu existir. O *instante*, em Sartre, acentua a responsabilidade sobre os ombros de cada homem, cada indivíduo.

É no *instante*, portanto, que cada homem se faz. “... O homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante” (Sartre, 2014, p. 10). Diante da necessidade que cada homem tem de se inventar a cada *instante*, torna-se necessário, “condenado à liberdade”, decidir e fazer suas escolhas sob “sua total e profunda responsabilidade” (Sartre, 2014, p. 13). Essa condição conecta o homem, o indivíduo, efetivamente à vida, à existência, à decisão e à angústia. “Temos que encarar as coisas como elas são” (Sartre, 2014, p. 45), embora, às vezes, talvez se desejasse que as coisas fossem diferentes.

A noção de *instante* em Clarice Lispector, sobretudo, em *Água viva*, é afim à perspectiva de *instante* multifacetada comum à filosofia da existência. Em *Água viva* o *instante* aparece como: “instante-já”, “desconhecido”, “incógnita”, “vibrante”, “vida”, “morte”, “silêncio”, “metamorfose”, “fluxo”, “raro”, “terrível”. Em síntese, segundo Clarice Lispector, o “instante é...” é o elo que vincula efetivamente o indivíduo à existência.

Quicá, Martim, um dos personagens de *A maçã no escuro*, desejasse que tudo fosse diferente, pois “foi com esforço sobre-humano que Martim procurou vencer cada dia a vaidade de pertencer a um campo tão grande que crescia sem sentido” (Lispector, 2010, p. 118). Contudo, “o que te direi? Te direi os instantes” (Lispector, 1998, p.13). Tudo poderia ser diferente,

mas num *instante*, o agora é como está.

O que se observa, seja em Kierkegaard ou em Lispector, é que o *instante* se transfigura numa categoria existencial, o que leva o indivíduo, “num instante decisivo” (Kierkegaard, 1979, p. 73) à plena consciência de si. Abraão, enquanto se deslocava, com Isaac para Moriija, local do sacrifício, indubitavelmente, estava imerso na mais profunda solidão diante de sua própria consciência. Martim, igualmente, encontrava-se singularmente diante de si mesmo, enquanto observava o crescimento “sem sentido” das gramíneas do campo que lhe eram estranhas. O *instante* insere o indivíduo no universo da singularidade. O instante, tanto em Kierkegaard quanto em Lispector, possibilita o encontro do indivíduo consigo mesmo.

Considerações finais

O instante, como ponto de convergência entre a literatura e a filosofia, remete à existência. Nesse quesito, Søren Kierkegaard, representante da filosofia da existência, e Clarice Lispector, da literatura, tornaram-se referências, porque conseguiram abstrair o indivíduo da multidão, ao enxergá-lo sob a ótica da singularidade em situações limítrofes. O instante não comporta a multidão, porque está presente no silêncio do indivíduo e perpassa as dimensões filosófica e literária.

Na dimensão filosófico-existencial Søren Kierkegaard (1986, p. 66) afirma: “Precisei em cada instante de estar total e absolutamente só; tive até que rejeitar o auxílio dos outros, para que a minha responsabilidade não fosse alijada. Um único amigo, um único colaborador e a responsabilidade estaria fracionada”. O pensador dinamarquês traz o instante para

a dimensão da individualidade, o que o levou a rejeição de amizades e colaboradores, por entender que nesse contexto não é possível compartilhar nem terceirizar responsabilidades e, por conseguinte, decisões, porque elas são sempre singulares.

Em 29 de maio de 1855, Kierkegaard (2019, p. 276) escreveu: “o instante chega quando o homem se apresenta, o homem certo, o homem do instante”. Considerando o contexto no qual o referido pensador estava inserido, a Dinamarca conflitante do século XIX, o instante havia atingido a esfera existencial em Kierkegaard. Expressar-se tornou-se inevitável. “E, agora, o instante. Um tal instante tem uma natureza própria. Sem dúvidas é breve e temporal como o é todo instante, passando, como todos os outros, ao instante seguinte, e no entanto é o decisivo” (Kierkegaard, 2008, p. 38) ao vincular o indivíduo à vida.

O instante conecta o indivíduo à imediatez da existência, é intenso e decisivo. Kierkegaard (2019, p. 29) questiona-se sobre sua atuação no instante: “Por que quero eu, então, atuar no instante?” Ele, em seguida, apresenta a resposta para tal indagação, ao afirmar que a sua atuação no instante se deve aos seus “ideais” e “contra as ilusões” criadas em sua época, a respeito do ato de ser autêntico consigo próprio. Para Marcio Gimenes de Paula (2008, p. 67), o instante, nesse sentido, “relaciona-se ao modelo socrático”, isto é, apresenta-se como sendo a ocasião para que o indivíduo “se reencontre com a verdade residente nele mesmo”, e coloque em evidência sua opção fundamental.

Kierkegaard compreendeu sua época (1855) e, então, havia chegado a hora. As circunstâncias existências forçavam-no a atuação, adiá-la não seria mais possível; e essa atitude

seria compatível ao comportamento de um indivíduo que vivia de forma singular e autêntica. O próprio pensador enfatiza: “Aquilo que tenho amado é justamente o contrário de atuar no instante; o que tenho amado é justamente: o afastamento do instante” (Kierkegaard, 2019, p. 19). Afastar-se do instante significaria distanciar-se da necessidade de escolher, de decidir; seria renunciar ao conflito. Isso já não seria possível, o confronto com sua época era iminente. Kierkegaard sabia perfeitamente o que significava “atuar no instante”, haja vista o caso Abraão.

Kierkegaard eleva as últimas consequências a problematização do instante, ao colocar em evidência o caso de Abraão. “E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; [...] oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei” (Kierkegaard, 1979, p. 113). Abraão, não hesita, ele obedece porque reconhece “que percorre um caminho solitário”. Por esse motivo, “tomou o solitário caminho da montanha” (Kierkegaard, 1979, p. 155), pois só o indivíduo pode decidir “no silêncio do homem fechado sobre si mesmo” (Kierkegaard, 2004, 49), quando o instante se impõe.

Abraão saiu de sua casa, percorreu todo o caminho e chegou ao local indicado, a “montanha de Moriá”. Em virtude do instante, havia chegado, portanto, o “momento decisivo” (Kierkegaard, 1979, p. 182) e Abraão estava consciente das exigências da situação na qual ele se encontrava.

Com efeito, dadas as formas que são apresentadas ao seu existir único e singular, o homem se acha sempre colocado numa situação que dele exige uma escolha e uma decisão. Todavia, esta escolha e esta decisão só podem ser levadas a cabo mediante a verdade

que, intrínseca e inalienavelmente, pertence ao próprio indivíduo (Almeida, 2023, p. 101).

O ‘instante exige silêncio’; e o silêncio é decisivo. “Algo de decisivo se apresenta diferente de outras coisas. Como o salto do predador sobre a sua presa, como o mergulho da águia na queda, é assim que se apresenta algo de decisivo: de repente e de um só golpe (com intensidade) (Kierkegaard, 2019, p. 21). Assim, entregar-se singularmente ao instante jamais poderia ser uma tarefa fácil. Todavia, passado o exato momento da decisão, Abraão pode reconhecer que “cada instante carrega uma beleza única e inigualável” (Machado, 2018, p. 87), o que o permitiu retornar para a casa com Isaac ao seu lado. Que inefável alegria! “Num só instante” (Kierkegaard, 1979, p. 34) tudo se transforma.

O “instante seguinte” (Lispector, 2020, 37) tem face desconhecida, o que, muitas vezes, dá “a sensação de que tudo acontece naquele próprio instante, sendo a vida dramática de tal modo intensa que, por vezes, se diria que tudo decorre perante os nossos olhos” (Kierkegaard, 1979, p. 28) e que, por essa razão, “um instante é bastante para a vida inteira” (Lispector, 2010, p. 94), apenas um instante.

O instante em Clarice Lispector, assim como em Kierkegaard, outrossim, perpassa a dimensão literária e atinge sua condição existencial. No que se refere a essa condição, de acordo com Benjamin Moser (2017, p. 468) é necessário recorrer à *Água viva*.

Em *Água viva* ela descobriria um meio de escrever sobre si mesma de um jeito que transformava sua experiência individual numa poesia universal. No conjunto de uma obra tão poderosa do ponto de vista emocional,

tão inovadora na forma e tão radical filosoficamente, *Água viva* se destaca como um triunfo particularmente notável.

Em *Água viva* a “experiência individual” da narradora ocupa centralidade; é um livro de literatura sem uma história nos moldes literários, o que a liberta dos “limites da trama ou da narração” (Moser, 2017, p. 477). Aliás, Lispector traz à tona uma nova forma literária. Para Moser (2017, p. 475), *Água viva* “não se parece, de fato, com coisa alguma escrita na época, no Brasil ou em qualquer outro lugar”. *Água viva* é uma obra literária estranha à literatura produzida em sua época, porque exprime a condição existencial de sua narradora, o que é diferente daquilo que se pode encontrar em *A maça no escuro*, que tem um enredo e personagens bem definidos.

O instante, seja em Kierkegaard ou em Lispector, remete à atualidade da existência, à contemporaneidade do ser, ao tempo presente, ao presente do presente, à temporalidade, à mutabilidade, à seriedade, à continuidade, em suma, à íntima conexão com a vida, em sua forma mais intensa.

Kierkegaard Salienta (2019, p. 29): “Em meu trabalho aproximei-me tanto do tempo atual, ao instante, que não posso prescindir de um órgão, com o auxílio do qual possa dirigir-me instantaneamente à contemporaneidade; e eu o chamei: o instante”. O instante não é apenas aquilo que permite a passagem do tempo; não é aquilo que torna possível a existência do passado e do futuro. O instante é “a mais incondicional liberdade” (Kierkegaard, 2019, p. 29), o que oferece ao indivíduo a “possibilidade de ser...” (Kierkegaard, 2019, p. 29). O instante é, sobretudo, aquilo que torna possível o engajamento do indivíduo

na existência e não pode ser racionalizado, apenas vivido.

O instante é justamente o que não está nas circunstâncias, o novo [...] – mas, no mesmo momento, o instante domina a tal ponto as circunstâncias que ilusoriamente (calculado para zombar-se da sagacidade mundana e da mediocridade) parece como se o instante surgisse das circunstâncias. Não há nada a que a sagacidade mundana se afeire tanto e pelo que anseie tanto quanto o instante; o que ela não daria para calculá-lo com precisão (Kierkegaard, 2019, p. 276).

O instante da vivência em Kierkegaard depara-se com os limites da linguagem, dado sua condição existencial. Clarice Lispector, nesse sentido, traz à tona, em *Água viva*, igualmente, uma condição existencial em íntima conexão com o presente do instante. Segundo Moser (2017, p. 476), Clarice Lispector “escreve não a partir da mente, mas dos ouvidos, nervos e olhos”; ela escreve, portanto, a partir daquilo que vivencia, isto é, daquilo que ela sente, numa estreita relação com a vida. Aliás, a própria Clarice (2020, p. 15) afirma: “O que falo é puro presente”. Lispector reafirma inúmeras vezes sua imediatez com a vida ao longo de *Água viva*.

Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante [...]. Escrevo-te na hora mesma em si própria [...]. Escrevo-te porque não me entendo [...]. Escrevo-te à medida de meu fôlego [...]. Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo [...]. Escrevo-te porque não chegás a aceitar o que sou [...]. O que escrevo é um só clímax? Meus dias são um só clímax: vivo à beira.⁹

9 Esta citação compreende um compilado que envolve diversas passagens de *Água viva*, especialmente o intervalo entre as páginas 7 e 60. (Cf. Lispector, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 7 - 60).

De acordo com Benedito Nunes (2015, p. 63), a escrita de Lispector está centrada na “experiência interior”, o que coloca em evidência sua “experiência subjetiva [...], no recolhimento de um instante” (Nunes, 2021, p. 13). Deve-se frisar que o instante em Clarice não é qualquer momento a esmo, mas se configura como sendo o “instante-já”, o agora, o presente. “Agora é um instante. Já é outro agora. E outro” (Lispector, 2020, p. 24). O instante é o clímax limítrofe entre a vida e a morte. “Presta, porém, atenção, fica atento, que o tempo não transcorra inutilmente, quiçá em sofrimento inútil; lembra-te de que só se vive uma vez” (Kierkegaard, 2019, p. 229). O instante não é a vida nem a morte, mas é aquilo que torna possível o fenômeno da existência.

A forma pulsante, fragmentária, transmite a experiência real de estar vivo, movendo-se pelo tempo, melhor do que qualquer perspectiva construída artificialmente seria capaz. A narradora, e com ela o leitor, está atenta a cada instante que passa, e eletrizada pela triste beleza de seu inescapável destino: a morte, que se aproxima a cada tique-taque do relógio (Moser, 2017, p. 478).

O clímax limítrofe do instante escapa à racionalização, porque pressupõe apenas a conexão íntima com a vida, imediatez plena, distante de quaisquer instrumentos mediadores entre o indivíduo e a existência, pois é vivência. “Será que isto que estou te escrevendo é atrás do pensamento? Raciocínio é que não é. Quem for capaz de parar de raciocinar – o que é terrivelmente difícil – que me acompanhe” (Lispector, 2020, p. 27). Clarice convida o leitor à suspensão da racionalização da vida, porque o instante da vivência extrapola os limites da linguagem. Isso ocorre tanto em Kierkegaard quanto em Clarice Lispector.

Em Kierkegaard (2019, p. 276), o instante torna-se incomensurável, isto é, foge ao “calculá-lo com precisão”, deixando o indivíduo abandonado “a terrível responsabilidade da solidão” na existência. Em Lispector, o instante se torna o it, “pronome neutro [...], o impronunciável e incognoscível” (Moser, 2017, p. 479); é o “andar na escuridão completa à procura de nós mesmos”; é o “tique-taque do relógio” (Lispector, 2020, p. 37). Em suma, é o ato de ser o que se é. É o “é-se. Sou-me. Tu te és” (Lispector, 2020, p. 24). O instante, seja para Kierkegaard ou para Lispector, encontra seu ápice, enquanto ponto de convergência entre a filosofia da existência e a literatura, quando ‘o Homem chega à consciência de que ele é dependente do fato de que ele *é*’ um indivíduo efetivamente inserido na existência.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

AGOSTINHO, S. *Confissões; De Magistro*. 2. ed. In.: Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALMEIDA, J. M. *Ética e existência em Kierkegaard e Lévinas*. Vitória da Conquista-BA: Edições Uesb, 2009.

ALMEIDA, R. M. de. *História da Filosofia Contemporânea I*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2023.

ARENDT, H. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Org. Antônio Abranches. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BEZERRA, C. C. *Água viva: beatitude e loucura*. In.: NATÁRIO, M. C. et. al. Clarice Lispector: filosofia e literatura. Portugal: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto Via Panorâmica, 2020.

BORELLI, O. *Clarice Lispector*: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1952.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

GOTLIB, N. B. *Clarice*: uma vida que se conta. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

KIERKEGAARD, S. A. *Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; O Desespero Humano*. Tradução de Carlos Grifo, Maria J. Marinho; Adolfo C. Monteiro. In. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural: 1979.

KIERKEGAARD, S. A. *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado* – aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard. Tradução de Álvaro L. M. Valls (Organizador e apresentador). Porto Alegre: Escritos, 2004.

KIERKEGAARD, S. A. *Lírios do campo e aves do céu*. 1. ed. Tradução de Henri Nicolay Levinspuhl. Copenhagen: Tre Gudeligue Taler, 2002.

KIERKEGAARD, S. A. *Migalhas filosóficas* – ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. 2. ed. Trad. Ernani Reichmann; Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, S. A. *O instante*. Números 1 a 10. Trad. Álvaro L. M. Valls; Marcio Gimenes de Paula. São Paulo: LiberArs, 2019.

KIERKEGAARD, S. A. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Tradução de João Gama. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1986.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2010.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACHADO, A. S. M. O agora é um instante. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 40, n. 76, p. 83-88, dez. 2018.

MATOS, A. H. de. *Relações de Água viva com a pintura*. Disponível em: <http://www.wwlivros.com.br/Vcoloquio/artigos/AndersonHakenhoardeMatos.pdf>. Acesso em: 28/01/2024.

MONTERO, T. *À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MOSER, B. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras/Cosac Naify, 2017.

NASCIMENTO, M. de F. do. *Benedito Nunes: O mundo de Clarice Lispector - Primeiro Livro Publicado*. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil, 2008.

NASCIMENTO, M. de F. do. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)*. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

NATÁRIO, M. C. *Clarice Lispector: dom e vocação para o destino*. In.: NATÁRIO, Maria Celeste, et. al. *Clarice Lispector: filosofia e literatura*. Portugal: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto Via Panorâmica, 2020.

NUNES, B. Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 9, p. 63–70, 2015. DOI: 10.20396/remate.v9i0.8636562. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636562>. Acesso em: 23 fev. 2024.

NUNES, B. *Filosofia e literatura: a paixão de Clarice Lispector*. In.: Revista Apoená, v. 3, n. 5, 2021 ISSN 2596-1632. Publicado originalmente em: Almanaque. Cadernos de Literatura e Ensaio, 13, 1981, pp. 33-41.

NUNES, B. *O Drama da Linguagem*. Uma Leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

OLIVEIRA, M. E. de. Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector. In. *Revista Trans/Form/Ação*, São Paulo, 12: 47-56, 1989.

PAULA, M. G. de. *A repetição e o instante em Kierkegaard*: um entrelaçamento de conceitos. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 4, p. 63 - 74, janeiro de 2008.

PLATÃO. *Parmênides*. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2020/11/parmenides-de-Platao.pdf>>. Acesso em 21/08/2023.

ROSEMBAUM, Y. *Clarice Lispector*. Publifolha. São Paulo: Editoração eletrônica, 2002.

SARTRE, JP. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.